



**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL  
ERU 489 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II (TCC II)  
Profa. Bianca A. Lima Costa**

**COOPERATIVISMO E AGROECOLOGIA:  
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS**

**Hélio do Carmo Medeiros Júnior**

**Viçosa - MG  
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**  
**ERU 489 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II (TCC II)**  
**Profa. Bianca A. Lima Costa**

**COOPERATIVISMO E AGROECOLOGIA:  
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS**

Trabalho apresentado como parte da avaliação da disciplina ERU 489 - Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), sob orientação da profa. Bianca A. Lima Costa

Hélio do Carmo Medeiros Júnior

**Viçosa - MG**

**2022**

# COOPERATIVISMO E AGROECOLOGIA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS<sup>1</sup>

Cooperativism and agroecology: Confluences and challenges of sustainable production models in self-management organizations

## RESUMO

Em resposta aos modelos convencionais de produção agrícola, que objetivam a alta produtividade e ganhos econômicos a qualquer custo, baseados na degradação do meio ambiente e extração de recursos naturais, acirrando as desigualdades sociais e econômicas, surgem modelos mais sustentáveis, que preconizam o equilíbrio de todos os componentes alimentares, como: água, solo, plantas, animais e pessoas. A agroecologia é uma alternativa viável para alinhar a relação existente entre a produção de alimentos, a preservação da natureza e o bem estar das pessoas. O cooperativismo coletivo é um formato de organização coletiva baseada em cooperação em torno de um objetivo em comum, e as práticas agroecológicas estão em confluência e constituem-se através da interação de redes de intercooperação articuladas por grupos de agricultores e consumidores que disseminam a importância do consumo consciente. Com a utilização do método da revisão integrativa, este trabalho buscou compreender como se desenvolve as confluências entre cooperativismo e agroecologia, analisando suas características, implicações e desafios a serem vencidos. Diante disso, foram apresentados diversos desafios para estes movimentos, como: a falta ou ineficiência de incentivos estatais, precarização estrutural, obstáculos burocráticos, dificuldades organizacionais e articulação política.

**Palavras-chave:** Cooperativismo, agroecologia, agricultura familiar, desenvolvimento rural, sustentabilidade.

## ABSTRACT

In response to conventional models of agricultural production, which aim at high productivity and economic gains at any cost, based on the degradation of the environment and extraction of natural resources, intensifying social and economic inequalities, more sustainable models emerge, which advocate the balance of all food components, such as: water, soil, plants, animals and people. Agroecology is a viable alternative to align the existing relationship between food production, nature preservation and people's well-being. Collective cooperativism is a format of collective organization based on cooperation around a common objective, and agroecological practices are in confluence and are constituted through the interaction of intercooperation networks articulated by groups of farmers and consumers that disseminate the importance of conscious consumption. Using the integrative review method, this work sought to understand how the confluences between cooperativism and agroecology develop, analyzing their characteristics, implications and challenges to be overcome. In view of this, several challenges were presented for these movements, such as: the lack or inefficiency of state incentives, structural precariousness, bureaucratic obstacles, organizational difficulties and political articulation.

**KEYWORDS:** Cooperativism, agroecology, family farming, rural development, sustainability.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre os modelos de produção e consumo de alimentos, assim como as configurações da agricultura em escala mundial são discussões recorrentes. Baseado no ganho de escala e crescimento produtivo, pelo fenômeno chamado “Revolução

---

<sup>1</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso está em formato de artigo no formato a ser submetido à Revista Brasileira de Agroecologia.

Verde”, iniciado nos anos de 1960, nos Estados Unidos da América e disseminado posteriormente para outros países, até se tornar o modelo convencional de produção agrícola em todo o mundo, construindo assim a sua hegemonia (MELO E SCOPINHO, 2018).

O pacote tecnológico desta revolução foi baseado no uso demasiado de insumos, como adubos químicos e agrotóxicos, com a mecanização das lavouras e seleção de sementes. Esta nova forma de fazer agricultura, veio com a proposta de suprimir os quadros de fome e miséria no mundo, como também reduzir as desigualdades sociais já que a produção atingiria grandes escalas. Entretanto, as problemáticas permanecem mesmo com a expansão da fronteira agrícola e toda a inovação das tecnologias desenvolvidas até o presente momento (GOMES, 2019).

Segundo pesquisadores do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), os segmentos primário e de insumos se destacaram em 2021, com aumentos de 17,52% e 52,63%, respectivamente. O PIB também cresceu para os outros dois segmentos, 1,63% para a agroindústria e 2,56% para os agrosserviços. Em contrapartida, dados da Rede Brasil Atual apontam que em 2022, 33,1 milhões de pessoas estão passando fome no Brasil; mais da metade da população brasileira (58,7%) está em insegurança alimentar em algum nível; e de 10 famílias apenas 4 possuem acesso total à alimentação.

Em resposta a esse modelo convencional, o movimento agroecológico surge como uma alternativa principalmente para agricultura familiar, que por vezes não consegue acessar o grande mercado e comercializar seus produtos, ou muitas vezes não tem sequer chances de concorrer com grandes organizações globais que dominam as cadeias produtivas e as redes de distribuição (ABREU et al., 2012). Os principais objetivos dos sistemas agroecológicos são: comércio justo, equidade social e econômica, consumo consciente, relação harmoniosa com a natureza, desenvolvimento local, viabilidade econômica para os pequenos agricultores e promoção de saúde e bem estar de seus praticantes (ABREU et al., 2012).

O cooperativismo que pela sua denominação já retrata grande parte do seu significado, qual baseia-se na cooperação, nos princípios de equidade, igualdade, autogestão, livre adesão, justiça econômica e interesse pela comunidade (PINHO, 1967). É possível dizer que o cooperativismo é um importante aliado para o

movimento agroecológico no que se refere à organização dos grupos de agricultores e também consumidores. Através da união destes diferentes segmentos em formato de cooperativas, é possível para estes processar, comercializar, distribuir e consumir alimentos agroecológicos, fortalecendo sistemas alimentares mais localizados em consonância com os preceitos agroecológicos.

Neste sentido, destacamos que as confluências desses dois processos de organização são importantes para o enfrentamento à hegemonia de mercados capitalistas e dos modos convencionais de produção e consumo. O cooperativismo apresenta-se como alternativa econômica e social a agroecologia, permitindo-a chegar a agricultores familiares, dando-lhes soluções viáveis para produzir e comercializar os alimentos produzidos de maneira responsável e ecologicamente correta. A agroecologia é importante aliada do cooperativismo, organizando e unificando a agricultura familiar para utilizar os sistemas agroecológicos, ganhar mercado e diferenciar seus alimentos, agregando valor a estes (DOURADO et al.,2018).

O presente artigo objetivou compreender como se desenvolve as confluências entre cooperativismo e agroecologia, analisando as características, implicações e os desafios a serem vencidos. Além disso, também buscou estudar as diferentes formas de confluências entre cooperativismo e agroecologia em diferentes países e regiões, dando luz ao fortalecimento desse movimento, que é tão importante para a saúde e bem-estar das pessoas, além da preservação da natureza e suas riquezas.

## **METODOLOGIA**

Para desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado o método da revisão integrativa, definida como uma sintetização de conhecimento aliado a aplicabilidade de estudos relevantes e significativos na prática. A revisão integrativa é uma abordagem metodológica que combina dados da literatura teórica e empírica, gerando um panorama completo sobre conceitos complexos e teorias de forma compreensiva (SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010). Este trabalho orienta-se por seis passos que podem ser sintetizados em: busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010).

O presente estudo teve como base na literatura os temas: cooperativismo e agroecologia, e as suas possíveis convergências. Através de pesquisas na plataforma acadêmica de pesquisa de periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com acesso ao ‘Meu CAFE’ (Comunidade Acadêmica Federada). Para ter acesso a essa plataforma foi necessário buscar a instituição de ensino UFV e fazer o login de aluno(a) com senha de acesso do sistema Sapiens/UFV.

Dentro da plataforma foi pesquisado na aba ‘acervo’ as palavras chaves do tema de pesquisa (cooperativismo e agroecologia) em uma busca avançada, restringindo a pesquisa aos artigos de revistas que foram revisados por pares e publicados de 2017 a 2022. Como resultado da pesquisa, apareceram 65 artigos revisados por pares. Destes, apenas sete foram selecionados como artigos que realmente abordavam em seu conteúdo empírico os temas de pesquisa.

Como dos 65 artigos revisados por pares sobraram somente sete com a afinidade necessária, foi feita outra pesquisa na mesma plataforma, novamente em acervo, mas dessa vez foram pesquisadas as palavras chaves em inglês (cooperativism e agroecology) e como resultado apareceram 21 artigos revisados por pares. Destes, foram selecionados mais cinco artigos com conteúdo relevante e recorrente em seu teor com os temas de pesquisa.

Por fim, com o objetivo de ampliar o embasamento teórico, realizou-se uma busca na base de dados da Scopus com indexação das mesmas palavras-chave em inglês realizadas nas outras bases nos últimos cinco anos. Nesta nova busca, foram encontrados mais três artigos revisados por pares, todos com muita recorrência dos temas de pesquisa e abarcando as palavras-chave em seu conteúdo. Ao todo, foram selecionados quinze artigos como referencial teórico para a realização da revisão integrativa, seis artigos em língua inglesa e nove em língua portuguesa, conforme quadro a seguir.

**Quadro 1:** Artigos selecionados para estudo

<b>NOME DO ARTIGO</b>	<b>REVISTA</b>	<b>ANO</b>	<b>AUTORES</b>
Trabalho de campo em Geografia Agrária: produzindo conhecimentos sobre campesinato, cooperativismo e Agroecologia	Revista Brasileira de Educação em Geografia	2020	FINATTO, Roberto A.

Agricultura familiar, cooperativismo e agroecologia promovendo o desenvolvimento sustentável: O caso da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região	GEOGRAFIA	2018	DOURADO, Nathan P. VALE, Ana Rute
Cooperativismo: evolução histórica e contribuições para os processos organizativos de cooperativas de agricultores familiares praticantes da agroecologia	COLÓQUIO	2017	FERNANDES, Denise MM. KARNOPP, Erica.
As percepções de agricultores familiares sobre transição agroecológica em uma cooperativa agropecuária no Rio Grande do Sul	Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável	2017	VALET, Joice Zagna
Proposal of actions for the agro ecological reconversion of a farm in Las Tunas municipality	Cooperativismo y Desarrollo (COODES)	2017	Oscar CarmenateFigueredo; Carlos Pupo Feira; Javier Antonio Herrera Toscano
Agroecological conversion for the security and food sovereignty of a family far	Cooperativismo y Desarrollo (COODES)	2018	DaríoLucantoni ; Alfredo Jiménez González ; Isidro Rolando AcuñaVelázquez ; MariolMorejón García ; Alfredo Lesvel Castro Lindín
Políticas públicas para os assentamentos rurais e cooperativismo: entre o idealizado e as práticas possíveis	SciELO Brasil	2018	Melo, ThainaraGranerode ;Scopinho, Rosemeire Aparecida
Transição agroecológica em cooperativa de agricultores familiares de Itapuranga, Goiás	Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável	2020	SILVA, F. P.; OLIVEIRA, G. R.; CUNHA, C. A.; WANDER, A. E.
Resistingsocio-ecologicalvulnerability: agroecologyandindigenousooperativis m in La Montaña, Guerrero, Mexico	Agroecology and Sustainable Food Systems	2021	GaliciaGallardo, A.P., Ceccon, E., Castillo, A., González-Esquivel, C.E.
The politics of agricultural cooperativism in Brazil: A case study of the landless rural worker movement (MST)	Journal of Co-operative Organization and Management	2019	Robles, W.

Alternative economy or technopolitics? Activism in food consumers' cooperatives   [¿Economía alternativa o tecnopolítica? Activismo desde el consumo cooperativo de productos agroecológicos]	CIRIEC-Espana Revista de Economía Publica, Social y Cooperativa	2018	Espelt, R., Peña-López, I., Rodríguez, E.
Agroecology prosumption: The role of CSA networks	Revista de estudos rurais	2020	Espelt, Ricard
Impact of information and communication technologies in agroecological cooperativism in Catalonia	Agriculturaeconomics (Praga)	2019	Espelt, Ricard ;Peña-López, Ismael ; Miralbell, Oriol ; Martín, Toni ; Vega, Núria
Beyond Supporting Access to Land in Socio-Technical Transitions. How Polish Grassroots Initiatives Help Farmers and New Entrants in Transitioning to Sustainable Models of Agriculture	Land (Basel)	2021	Skrzypczyński, Robert ;Dołzblasz, Sylwia ; Janc, Krzysztof ; Raczyk, Andrzej
Family farming and sustainable development of agribusiness in the metropolitan region of Campinas	Revista Metropolitana de Sustentabilidade	2020	Júlia Floriano Guillen ; Paolo EdoardoCoti-Zelati ; Davi Lucas Arruda de Araújo

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022).

Após a seleção dos artigos inclusos do horizonte de estudo, foi feita a análise minuciosa de cada artigo para elencar os principais aspectos presentes nos questionamentos que cada texto aborda. Os artigos foram separados por país/região, o que possibilitou a identificação das características mais recorrentes de cada localidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Principais temas dos estudos sobre Cooperativismo e Agroecologia: uma visão geral

A partir da seleção dos artigos, conforme explicitado na metodologia, organizamos uma síntese com os principais temas de cada estudo, com ênfase nas confluências entre cooperativismo e agroecologia. Do total de trabalhos selecionados, conforme quadro abaixo, 9 artigos abordam experiências do Brasil, 4 artigos da

Espanha, enquanto Cuba, México, Polônia e Argentina têm apenas um artigo selecionado.

**Quadro 2:** Principais Temas dos Artigos

NOME DO ARTIGO	Síntese das abordagens do Cooperativismo e Agroecologia
TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA AGRÁRIA: produzindo conhecimentos sobre campesinato, cooperativismo e Agroecologia – Brasil	aborda sobre o tema referente ao campesinato, cooperativismo e agroecologia como componente curricular da Geografia, no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo. Diferenciou-se duas cooperativas, uma com a centralidade do campesinato, que sustenta o funcionamento da organização a partir de outra racionalidade e centralidade da agroecologia.
AGRICULTURA FAMILIAR, COOPERATIVISMO E AGROECOLOGIA PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: O CASO DA COOPERATIVA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE POÇO FUNDO-MG E REGIÃO – Brasil	Trata sobre o processo transição agroecológica contribuiu para o desenvolvimento econômico, o modo organizacional e a valorização da identidade dos agricultores da cooperativa de agricultores familiares de Poço Fundo e região (a COOPFAM).
Cooperativismo: evolução histórica e contribuições para os processos organizativos de cooperativas de agricultores familiares praticantes da agroecologia – Brasil e Argentina	Descreve os processos organizativos de duas cooperativas que adotam e/ou incentivam a realização de práticas agroecológicas, em realidades distintas. A primeira da Coesperança, em Santa Maria (RS) e a segunda da cooperativa La Choza, em um município da região de Buenos Aires, Argentina.
As percepções de agricultores familiares sobre transição agroecológica em uma cooperativa agropecuária no Rio Grande do Sul – Brasil	Refere-se as percepções de agricultores familiares em uma cooperativa do município de Boqueirão do Leão (RS) sobre os processos de transição agroecológica, com a realização de entrevistas com 39 agricultores familiares.
Proposal of actions for the agro ecological reconversion of a farm in Las Tunas municipality – Cuba	Refere-se a implementação uma proposta de reconversão agroecológica em uma fazenda de agricultores familiares no município de Las Tunas, em Cuba, através de processos de treinamento e capacitação destes agricultores familiares. Unindo-os em modelos de organização e produção coletiva, em formato de rede.

<p>Agroecological conversion for the security and food sovereignty of a family far - Espanha</p>	<p>Identificação das práticas adotadas por diversas redes de abastecimento de produtos agroecológicos na região de Barcelona, na Espanha, que favorecem o desenvolvimento de ações coletivas baseadas nos princípios agroecológicos e como ocorrem seus processos organizativos, além de analisar a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação para o sucesso dessas redes.</p>
<p>Políticas públicas para os assentamentos rurais e cooperativismo: entre o idealizado e as práticas possíveis – Brasil</p>	<p>Estudo de caso de uma cooperativa de assentamento rural localizada em Ribeirão Preto (SP). Para isto, objetivou a reflexão sobre o distanciamento existente entre as políticas públicas desenvolvidas para assentamentos rurais e a realidade dos trabalhadores rurais assentados, organizados em forma de cooperativa. Destacando a distância entre cooperativismo institucional e o cooperativismo possível, dependente das políticas públicas.</p>
<p>Transição agroecológica em cooperativa de agricultores familiares de Itapuranga, Goiás – Brasil</p>	<p>Descreve os avanços e os desafios da transição agroecológica no sistema produtivo de frutas e hortaliças de uma cooperativa de agricultores familiares em Itapuranga, no estado de Goiás. Para isto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com os agricultores familiares organizados em forma de cooperativa, representando maiores ganhos para os cooperados.</p>
<p>Resisting socio-ecological vulnerability: agroecology and indigenous cooperativism in La Montaña, Guerrero - México</p>	<p>Análise do papel das práticas agroecológicas e o cooperativismo como resposta à vulnerabilidade social em uma cooperativa indígena em Sierra Madre, região sul do México. Para isto, foram estudadas as relações comerciais e os processos organizativos da parceria com uma grande rede de supermercados.</p>
<p>The politics of agricultural cooperativism in Brazil: A case study of the landless rural worker movement (MST) – Brasil</p>	<p>Formação de cooperativas agrícolas no Brasil a partir da perspectiva da economia política, tomando como referência o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (o MST). O estudo identifica os períodos de formação dessas cooperativas e o contexto em que elas se inserem, interligando os processos cooperativos às práticas agroecológicas presentes nessas organizações.</p>
<p>Alternative economy or technopolitics? Activism in food consumers' cooperatives   [¿Economía alternativa o tecnopolítica? Activismo desde el consumo cooperativo de productos agroecológicos] - Espanha</p>	<p>Averiguação das confluências entre o Cooperativismo e a Agroecologia a partir de uma perspectiva política, avaliando as relações existentes entre cooperativas de consumo e o movimento político 15M na Espanha. Para isto, foi utilizada a aplicação de questionários e entrevistas, no intuito de identificar práticas de ativismo político e as reivindicações que os grupos que compõem essas organizações estabelecem.</p>
<p>Agroecology prosumption: The role of CSA networks - Espanha</p>	<p>O potencial de prossumidora da rede agroecológica constituída por 56 CSAs (Community Supported Agriculture) de Barcelona, na Espanha, e qual o papel das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nos processos mercadológicos que promovem o modelo de consumo</p>

	alimentar baseado na agroecologia, além de descrever como esses grupos se organizam para isto.
Impact of information and communication technologies in agroecological cooperativism in Catalonia – Espanha	Configurações do cooperativismo e suas ligações com a agroecologia como resposta ao atual modelo hegemônico de consumo alimentar, examinando uma rede de 56 CSAs (Community Supported Agriculture) em Barcelona, Espanha, buscando entender as relações desses grupos com as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) no desenvolvimento do modelo de consumo baseado na agroecologia.
Beyond Supporting Access to Land in Socio-Technical Transitions. How Polish Grassroots Initiatives Help Farmers and New Entrants in Transitioning to Sustainable Models of Agriculture – Polônia	Identificação das estratégias empregadas por redes de consumo que apoiam os agricultores familiares na transição para um modelo de produção sustentável através de iniciativas populares na Polônia. Para isto foram realizados estudos de casos de três iniciativas populares - Agro-Perma-Lab, PermaKultura.Edu.PL e a Ecological Folk HighSchool em Grzybów.
FAMILY FARMING AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT OF AGRIBUSINESS IN THE METROPOLITAN REGION OF CAMPINAS – Brasil	Compreensão sobre qual o papel da agricultura familiar sobre o desenvolvimento sustentável do agronegócio na região metropolitana de Campinas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, com agricultores familiares da região e executivos que atuam na Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC) a fim de se observar qual o potencial dos agricultores familiares no desenvolvimento da agricultura brasileira e as configurações dos grupos que compõem as cooperativas analisadas.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2022).

Dos artigos selecionados houve predominância de estudos de caso e análises sobre redes. Apenas um dos artigos faz uma comparação internacional, entre as vivências Brasil e Argentina. Diante da leitura realizada, obteve-se enfoque nos estudos brasileiros, seguidos das pesquisas de outros países, para a identificação das semelhanças e diferenças entre eles.

### **Cooperativismo e sua relação com a agroecologia no contexto brasileiro**

Segundo o sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), os primeiros registros de uma constituição de uma cooperativa datam o ano de 1844, na cidade de Rochdale-Manchester, na Inglaterra. Foi quando um grupo de 28 trabalhadores de fábricas de tecidos se uniu com um propósito muito básico, porém engenhoso, que era o de comprar alimentos em grande quantidade para conseguir melhores preços e,

assim, distribuí-los de forma igualitária para o grupo. Surgia, assim, a “Sociedade dos Probos de Rochdale” (OCB, 2022).

Naquele contexto histórico, em que as pessoas tinham rotinas de trabalho exaustivas de 14 a 16 horas, se alimentar de forma segura e satisfatória era algo para poucos. Com a união desses trabalhadores, a cooperativa prosperou e, em pouco tempo, todos que nela se inseriram tiveram melhoria expressiva de seus hábitos alimentares, e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida. Com o passar dos anos, a cooperativa dos pioneiros de Rochdale cresceu de forma progressiva, atingindo grandes números para época. Era um sinal de que toda a cooperação estava dando resultados (OCB, 2022).

No Brasil, o cooperativismo tem início no ano de 1889 com a fundação da Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, em Minas Gerais, cujo objetivo também era de comprar produtos de consumo agrícolas com melhores preços. Posteriormente, surge no Rio Grande do Sul a primeira cooperativa de crédito do país, fundada pelo padre Theodor Amstad e, ainda hoje, encontra-se funcionando em plena atividade (OCB, 2022).

Já nos anos que seguiram, foram surgindo cooperativas agrícolas, iniciadas com a idealização dos produtores rurais e imigrantes. Esses imigrantes trouxeram de seus países (Alemanha, Itália, Portugal, entre outros) a cultura da cooperação, organizando-se através de grupos de famílias comunitárias, empregando seus valores culturais, e assim foi configurando-se o cooperativismo agrícola no país (OCB, 2022).

Atualmente, é muito comum o uso da expressão: “Brasil, celeiro do mundo”, destacando o país como um dos principais provedores de commodities do mundo. Esta expressão popular está relacionada com os processos de expansão agrícola que o Brasil vivenciou e ainda continua a ocorrer. Com enfoque em produzir mais e de forma mais eficiente em termos econômicos, menor mão de obra e menor tempo de produção), durante os anos de 1970 acirra-se a competição entre os grandes latifundiários, tendo seus esforços focados em produzir grãos para exportação, e com isso, minimizando os conhecimentos e técnicas antigas, baseadas na mão de obra familiar (FERNANDES e KARNOPP, 2017).

As políticas neoliberais, como por exemplo a de livre comércio, modificaram os processos produtivos e a comercialização de produtos agrícolas, visando o aumento de escala produtiva e a exportação. Com o advento da chamada “Revolução verde” que trazia uma ideia de realizar grandes produções de commodities, como: soja, café, feijão, milho, etc, trouxe também a mecanização das lavouras e o intensivo uso de agrotóxicos para alcançar maiores números em termos de produção (GALLARDO et al., 2021).

A expansão das cooperativas agroindustriais foi possível ao longo dos anos, por utilizarem diferentes processos de beneficiamento dos alimentos, agregando valor de mercado, como o observado nas indústrias de café, de sucos, laticínios, entre outras. Por outro lado, mesmo com o desenvolvimento das cooperativas não alcançavam os latifundiários com extensas produções de grãos que cresciam de maneira exponencial, tendo cada vez mais peso no PIB do país (MELO e SCOPINHO, 2018).

Nos anos 1990 há uma série histórica de acontecimentos no contexto rural brasileiro, a luta e resistência de diversos movimentos sociais que buscavam acesso à terra e melhores condições de vida. Eis que surge a categoria de pensamento ou conceito de agricultura familiar, deixando outros conceitos em desuso como o de “pequenos produtores”, “agricultura de subsistência” ou “agricultura de campesinato”.

Mattei (2001, p.1) salienta que:

Durante o processo de modernização da agricultura brasileira, as políticas públicas para a área rural, em especial a política agrícola, privilegiaram os setores mais capitalizados e a esfera produtiva das commodities voltadas ao mercado internacional, com o objetivo de fazer frente aos desequilíbrios da balança comercial do país. Para o setor da produção familiar, o resultado dessas políticas foi altamente negativo, uma vez que grande parte desse segmento ficou à margem dos benefícios oferecidos pela política agrícola, sobretudo nos campos do crédito rural, dos preços mínimos e do seguro da produção.

A partir de meados da década de 1990, o governo assume certo grau de responsabilidade para com esses atores sociais, excluídos, ou no mínimo enfraquecidos pelas políticas de modernização e expansão da agricultura e da pecuária no país. Até então não existiam políticas públicas ou projetos concretos que incluíssem

a agricultura familiar na rota dos comércios e de mercados institucionais (GRISA, 2018).

A agricultura familiar é essencial para o abastecimento local e regional de alimentos, principalmente do setor hortifrutigranjeiro. Cabe ressaltar, que a agricultura familiar se destaca amplamente pela sua diversificação de produtos, com produções de policultura e produtos de alto valor agregado, pelas suas relações estritas com a agroecologia e a primazia de tradições culturais, além de ser responsável por alimentar a população brasileira, ao contrário das grandes produções que são direcionadas à exportação de commodities (GRISA, 2018).

Diante dos impactos ambientais causados pela agricultura tradicional, com modelos voltados à grande escala de produção e exportação de commodities, a agroecologia aparece como uma alternativa à racionalidade hegemônica agroindustrial, oferecendo aos seus praticantes a possibilidade de produzir de maneira harmônica com a natureza e, ao mesmo tempo, ser economicamente viável e socialmente inclusiva (DOURADO et al.,2018).

Compreende-se que a agroecologia pode ser entendida como um sistema teórico-metodológico que auxilia a transição dos modelos produtivos de larga escala para modelos mais sustentáveis que necessitam de maior manuseio e interação entre agricultor, a terra e a produção (DOURADO et al.,2018).

Nesse sentido, embora o Brasil tenha como tradição o cooperativismo agrícola voltado ao modelo convencional de produção, destacamos que este movimento também apresenta confluências com as práticas agroecológicas, principalmente para agricultura familiar, o que foi reforçado em diferentes estudos analisados neste artigo.

O denominado cooperativismo solidário pode se apresentar como intermediador das relações produtivas dos sistemas agroecológicos com a gestão dos empreendimentos inseridos nesse setor. Segundo Gaiger (2013), a revitalização do paradigma cooperativista encontra-se no seio dos debates da economia solidária que se tornou uma expressão utilizada popularmente em nosso país e ganhou força durante os anos de 1990, sendo reconhecida por sua natureza associativa e suas práticas de cooperação e autogestão, abrangendo e fortalecendo unidades informais de geração de renda. Sua solidariedade se dá em detrimento do envolvimento cotidiano de seus

membros e os princípios de equidade. A economia solidária privilegia os sistemas locais de troca, comunidades produtivas autóctones, associações e as cooperativas dedicadas à produção de bens e serviços; comercialização e fomento de crédito (GAIGER, 2013).

O surgimento de empreendimentos econômicos solidários está intrinsecamente relacionado com circunstâncias específicas, como o fato de ser desenvolvido por setores populares, carregados de referências culturais e lideranças genuínas, que primam pela vida em comunidade, o associativismo, a busca pelos direitos e as lutas de classe. Adentrando essas circunstâncias, os protagonistas desses empreendimentos se encontram envolvidos em meio a um sentimento de pertencimento social e reconhecem-se como atores que defendem os interesses coletivos, construindo assim, fortes laços de confiança e inserção política (GAIGER, 2013).

Dessa forma, a produção sobre cooperativismo e agroecologia no Brasil apresenta na maioria dos estudos a importância desta relação para organização da produção e comercialização agroecológica. Esta diferença, entre modelo convencional e solidário, é ressaltada pelo estudo de Finatto e Zeneratti (2020) que, ao analisar o componente curricular do Curso de Educação do Campo, que incorpora o tema da agroecologia, campesinato e cooperativismo, revela como a racionalidade camponesa na organização das cooperativas agroecológicas fortalece a prática da autogestão e impacta o território (FINATTO e ZENERATTI, 2020).

Estudos de caso também demonstram a relevância das cooperativas em interface com a agroecologia e produção orgânica, como é o caso da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM), Minas Gerais (DOURADO et al., 2018) da Cooperativa dos Produtores Familiares de Itapuranga, Goiás (SILVA et al., 2020) e Cooperativa dos Agricultores Familiares de Campinas, São Paulo (COOPERAF) (COTI-ZELATI, DE ARAÚJO e GUILLEN, 2020). Os trabalhos destacam a relação positiva desta confluência, assim como o artigo de Valent (2017) que analisa a percepção de agricultores do Rio Grande do Sul em uma experiência cooperativa e de transição agroecológica.

Silva et al., (2020) apontam que o fator que mais limita a transição agroecológica, segundo os relatos dos próprios agricultores familiares da região de Itapuranga no estado de Goiás, é a mão de obra, tanto para os praticantes do modelo sustentável de

produção, quanto para desistem de fazer transição agroecológica. Os avanços desse modelo e seu desenvolvimento estão intimamente relacionados com as dimensões econômicas, sociais e ambientais com processos mais amplos que levem ao desenvolvimento socioambiental (SILVA et al., 2020).

Apesar de suas limitações, o processo de transição agroecológica traz novas possibilidades e oportunidades do desenvolvimento de novas práticas sustentáveis na agricultura familiar, como redução no uso de insumos químicos e agrotóxicos e melhores práticas de manejo dos processos agroecológicos. Além disso, conclui-se que o sucesso dos agricultores familiares que adotaram esse novo modelo de produção foi além do recebimento de insumos e assistência técnica da cooperativa. No final, os produtores que mais se destacaram e ganharam a confiabilidade das pessoas foram aqueles que apresentaram mão de obra qualificada, consciência social e ambiental, desse modo, conseguiram agregar maior valor aos seus produtos, resultando em ganho econômico melhor quando comparado ao modelo convencional, até então praticado (SILVA et al., 2020).

Outro artigo que compôs a amostra deste trabalho trouxe como tema a relação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e a formação de suas cooperativas. É importante destacar que este movimento foi fundado no ano de 1984 e pode ser considerado um dos maiores movimentos de trabalhadores rurais do mundo. Nas últimas décadas, a organização buscou modificar radicalmente o seu discurso no tocante ao modo de produção agrícola, que deve ser adotado pelos agricultores em seus assentamentos, deixando de lado o forte viés do discurso produtivista, baseado em produzir sempre mais, para outro condizente à visão agroecológica, passando a incorporar ao centro de suas ideias conceitos como o de respeito e resgate da agricultura camponesa, bem como as diretrizes da agroecologia (BORSATTO e CARMO, 2013).

Robles (2019) analisa a formação de cooperativas agrícolas coordenadas por camponeses no Brasil, seguindo uma perspectiva político-econômica e toma como referência o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). O estudo acompanha a evolução histórica dos períodos de formação cooperativa do MST, e mostra os desafios a serem superados por estes grupos (ROBLES, 2019).

Concluindo, o diálogo político e a reflexão promovida pelo projeto de expansão cooperativista rural por parte do MST permitiram certo nível de incentivos para que este ocorresse. No entanto, ainda hoje, existem produtores que preferem produzir em suas unidades, com mão-de-obra majoritariamente familiar (ROBLES, 2019).

Nesse sentido, as práticas agroecológicas permitiram aos grupos do MST uma melhor inserção no mercado, valorizando os produtos sustentáveis e tornando-os mais competitivos. A linguagem da agroecologia, ‘gestão ambiental’, ‘solidariedade social’, ‘reciprocidade econômica’ e ‘equidade de gênero’, motiva os integrantes do MST a permanecerem na luta por melhores condições socioeconômicas, apesar da atual conjuntura política e econômica que não privilegia em nada esse movimento. Em relação aos governos que se passaram desde então, vale ressaltar que houve muita hostilidade política e repúdio ao movimento, principalmente nos últimos anos, após o impeachment de Dilma Rousseff, e a ascensão conservadora (ROBLES, 2019).

De acordo com um dos estudos, é possível observar que o MST prima por condições dignas de reprodução social aos trabalhadores assentados e a inserção de modelos agroecológicos, com práticas que respeitam o meio ambiente, e dessa forma é que o movimento vem se pautando em novos referenciais teóricos e ganhando respeito da sociedade, além de conseguir ganhar um pouco mais de visibilidade e acesso à comercialização, apesar de algumas controvérsias, como casos em que assentados arrendam suas terras para o plantio de soja (BORSATTO e CARMO, 2013).

Por outro lado, há também apontamentos quanto às políticas públicas direcionadas aos assentamentos rurais de reforma agrária, em específico na região de Ribeirão Preto, em que o “cooperativismo institucional” acaba por afastar os trabalhadores de lutas mais amplas, tornando-se dependentes de políticas públicas (ROBLES 2019).

Em conclusão, podemos identificar as relações de confluência existentes entre o cooperativismo, a agroecologia e os empreendimentos solidários no cenário nacional, com destaque positivo para a interação desses movimentos. Além disso, é notório o envolvimento dos atores sociais que compõem estas organizações, que compartilham valores sociais, culturais e ambientais, seguindo propósitos em comum, partindo de ações coletivas de cooperação. Outro ponto evidenciado são as políticas públicas que são importantes ferramentas para incentivo e fortalecimento desses grupos, mas que também possuem limitações em sua aplicabilidade.

Um conjunto de artigos estudados neste trabalho também abordou as experiências do cooperativismo e agroecologia em outros países e regiões, observando as diferentes realidades existentes nesse meio, através de seus grupos, suas formações e as suas relações. Tais temáticas serão abordadas na próxima seção.

### **Cooperativismo e agroecologia: estudos de caso em diferentes países**

Além das experiências brasileiras, que foram a maioria na amostra selecionada, estudos de outros países europeus, em especial a Espanha e Polônia, também revelaram a confluência entre cooperativismo e agroecologia. Nesse caso, destacam-se as cooperativas ou redes de consumidores em relações de proximidade a partir do debate dos sistemas alimentares. Os artigos que tratam iniciativas da América Latina trazem exemplos de comunidades indígenas, no México, a reconversão e transição agroecológica de uma propriedade em Cuba e uma cooperativa agroindustrial na Argentina.

Muitas experiências nesse campo constituem-se da interação de uma rede de intercooperação, articulada por grupos de produtores e consumidores que disseminam a importância do consumo consciente e a busca por alimentos que sejam produzidos de maneira harmoniosa com a natureza. Apesar de ser um setor da economia e ter a finalidade de ganhos econômicos, as cooperativas produtoras de alimentos agroecológicos também têm a função de trazer questionamentos políticos, buscando a quebra dos enquadramentos dos modelos produtivos convencionais e a hegemonia das cadeias alimentares (ESPELT, 2019).

Na região da Catalunha já é tradicional as confluências entre cooperativismo e agroecologia devido ao interesse dos cidadãos pela compra de produtos ecológicos e por modelos de consumo autogestionário, visando condições mais justas para ambos os lados do comércio de alimentos (produtor e consumidor). Nessa região espanhola, as confluências entre cooperativismo e agroecologia exprimem valores econômicos, políticos e sociais e buscam satisfazer os anseios de uma sociedade mais equitativa, dando melhores condições de vida e bem-estar aos envolvidos (ESPELT, 2019). Apesar da hegemonia das grandes marcas globais que controlam e concentram os mercados, pode-se observar o modelo de consumo alternativo que se baseia em

Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos (CSFs) e busca estimular a Economia Social e Solidária (ESS) com engajamento político e através de movimentos sociais que fazem pressão frente aos descasos estatais com este seguimento (ESPELT, 2019).

Outra pesquisa revelou um estudo com 65 CSA's (Community Supported Agriculture) da região de Barcelona, na Espanha e categoriza essas CSA's e suas confluências com os princípios da agroecologia, a fim de compreender seu funcionamento como um todo, abordando a seguinte questão: Como se dão as relações associativas e a comercialização de produtos nas redes? O formato mais comum dessas redes é em forma de associação, pelo fato de a formação de cooperativas exigir certo nível de complexidade e tempo de constituição, além do investimento financeiro (de cerca de 3.000 euros) (ESPELT, 2020).

Dessa forma, as CSA's podem ser caracterizadas como importante ator social e político para difundir o consumo de alimentos agroecológicos em Barcelona, pressionando órgãos decisórios em modificar estruturas e legislação para promover economias locais e comércio justo. Por meio da criação de canais de comunicação em plataformas digitais, é possível o controle e organização desses grupos, além das ferramentas de comunicação, que são tão necessárias para que as redes consigam se relacionar de forma assertiva (ESPELT, 2020).

Nesse sentido, podemos perceber uma maior ênfase na organização das cooperativas de consumidores na região espanhola, assim como as experiências de circuitos curtos, como os CSA's, revelando uma realidade distinta do contexto brasileiro. Ao mesmo tempo, o debate da Economia Social e Solidária também se apresenta, demonstrando o campo no qual as experiências agroecológicas estão inseridas em outras realidades (ESPELT, PEÑA LOPÉZ e RODRÍGUEZ, 2018).

Desta forma, pode-se concluir que a economia solidária a partir da revitalização do cooperativismo e os sistemas agroecológicos têm a árdua missão de trazer uma melhoria social, econômica, política, cultural e ambiental como um todo (GAIGER, 2013). Na luta contra o capitalismo maçante e as desigualdades sociais produzidas por ele, esses movimentos surgem com possíveis alternativas para aqueles que começam a entender a importância do consumo consciente, priorizando uma distribuição territorial justa e que consiga manter-se ao longo de gerações (ESPELT, PEÑA LOPÉZ e RODRÍGUEZ, 2018).

Já o artigo estudado que traz experiências polonesas da interação de redes de sistemas alimentares e iniciativas populares, Skrzypczynsky et al. (2021) nos evidenciam a importância dos fatores menos tangíveis, como o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para agricultores adotarem práticas sustentáveis em seus modelos produtivos. Através da criação de redes de apoio, cursos de capacitação e oficinas nas propriedades que disseminam o conhecimento teórico, aplicando-o de forma prática, essas iniciativas populares têm o propósito de avançar nas transições agroecológicas pautadas no princípio de cooperação entre os grupos (SKRZYPCZYŃSKI et al., 2021).

Essas iniciativas populares polonesas evidenciam que é possível replicar os modelos educativos e de capacitação, constituídos através de redes de apoio, em outros contextos, e as estratégias educativas têm potencial para serem aplicadas em outros países, adaptando-as conforme a região, o clima, a estrutura de cada empreendimento, o ambiente cultural e também o social. O fundamental para este estudo é observar os efeitos positivos que estas iniciativas realizam e acarretam numa regeneração rural baseada nas transições de sustentabilidade (SKRZYPCZYŃSKI, et al, 2021).

Também foram encontradas experiências desenvolvidas na América Latina nos artigos estudados, evidenciando as confluências entre os sistemas agroecológicos com as práticas de organização social e cooperação mútua. Objetivamos Com a perspectiva de compreender as principais características, as semelhanças e os desafios enfrentados pelas organizações e iniciativas coletivas.

Fernandes e Karnopp (2017) buscaram descrever os processos organizativos de cooperação desenvolvidos nas cooperativas Coesperança (Brasil) e La Choza (Argentina), procurando identificar os desafios para a construção da sustentabilidade no desenvolvimento territorial a partir do contexto histórico-doutrinário do cooperativismo. Em ambas experiências, podemos destacar efeitos positivos em relação ao desenvolvimento individual e coletivo dos agricultores familiares que se inserem no contexto dessas duas cooperativas, promovendo a inclusão social e visando a melhoria da qualidade de vida e isso se dá em decorrência da constante interação dos atores sociais envolvidos em meio ao sentimento de pertencimento para com as cooperativas. (FERNANDES e KARNOPP, 2017).

Outro país em que foi realizado estudo de caso com as temáticas selecionadas foi Cuba. Lucantoni (2018) revela em seu artigo, o levantamento de experiências de cooperação no município de Pinar del Rio, Cuba, que evidencia as mudanças ocorridas com os processos de transição dos modelos de produção de uma fazenda de tabaco de agricultores familiares, do convencional (com uso de maquinário, insumos químicos e agrotóxicos) para o sustentável (com maior nível de mão de obra, técnicas de manejo) construindo, assim, uma relação harmoniosa com o meio ambiente em que se insere. Em particular, a pesquisa explora como alterar a produção agrícola e de que forma são afetados os hábitos alimentares e as condições de vida dos camponeses (LUCANTONI, 2018).

Já Feria, Oscar e Toscano (2019) evidenciam em seus trabalhos uma pesquisa desenvolvida na comunidade agrícola “Calera II”, “La Montaña”, no município cubano de Las Tunas, com o objetivo de apresentar propostas de ações para a reconversão agroecológica da fazenda, a partir de treinamentos populares e processos de cooperação. Através de registros de produção da fazenda, entrevistas com produtores e observação participante, a equipe buscou capacitar os produtores rurais e disseminar importantes conhecimentos no que diz respeito à ecologia, aos modelos de organização social e aos modelos sustentáveis de desenvolvimento (FERIA OSCAR e TOSCANO, 2019).

Após esse processo de transição agroecológica, a fazenda que tinha pouca produção agrícola, começou a realizar diversificar a produção, introduzindo culturas de alimentos como melão, feijão, milho, mandioca, abóbora, tomate e banana. Essas ações, entre outras, trouxeram estabilidade e sustentabilidade à fazenda, contribuindo para a demanda externa por alimentos e gerando acréscimos na renda dos agricultores gradativamente, além do fortalecimento da soberania alimentar da região (FERIA OSCAR e TOSCANO, 2019).

Nas comunidades rurais de La Montaña, no estado de Guerrero, México, temos como base de estudos no artigo de Gallardo et al. (2021) uma cooperativa de agricultores familiares indígenas que surgiu como resposta à vulnerabilidade socioecológica ligada à degradação ambiental, mudanças climáticas, extrema pobreza e violência. Em busca de sanar ou ao menos diminuir essas discrepâncias, essas

comunidades adotaram estratégias como a prática agroecológica e a exploração do mercado de orgânicos certificados (GALLARDO et al., 2021).

A adoção de estratégias que relacionam as práticas agroecológicas e cooperativistas, possibilitou com que as comunidades conseguissem obter benefícios como a garantia de acesso a mercados com preços estáveis e justos e sua reprodução social. Mesmo com esse benefícios, ainda existem limitações quanto a aplicação dos projetos, como a marginalização dos agricultores, a pobreza e a violência estrutural, além dos cultivos ilegais (narcotráfico) (GALLARDO et al., 2021).

Por fim, o estudo apontou ainda para uma alta dependência da cooperativa em comercializar os produtos orgânicos em uma grande rede de supermercados, dificultando a consolidação de certificações internacionais e acumulando atrasos nos repasses econômicos (GALLARDO et al., 2021).

É notável que as confluências entre o cooperativismo, as práticas agroecológicas, empreendimentos solidários e redes de apoio impactam de forma benéfica as organizações inseridas nesse contexto da América Latina. Mas também, existem muitos desafios a serem superados, como: a dependência de grandes centros comerciais, a burocratização e a morosidade da obtenção de certificados de alimentos orgânicos e comércio justo, a definição dos processos organizacionais e a clareza nos processos de comunicação das organizações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise dos artigos é possível levantar diversos desafios que os grupos de movimentos agroecológicos têm em comum e que as diferentes pesquisas apontaram com certo nível de recorrência, como: falta ou ineficiência de incentivos estatais e políticas públicas, precarização estrutural, obstáculos burocráticos para comercialização, falta ou deficiência em organização social e autogestão e falhas nos processos de comunicação. Além disso, vale ressaltar que as confluências entre cooperativismo e agroecologia, enquanto movimento de cooperação mútua, existem na prática, mas há um enorme distanciamento entre as leis que as regulamentam e as práticas existentes para que elas se desenvolvam.

A maioria das pesquisas desenvolvidas nos artigos trata de estudos de caso, dificultando o entendimento de características que podem ser relacionadas como ligações entre os grupos que compõem as cooperativas, as associações, as redes de intercooperação e os sistemas agroecológicos como um todo. Estudos isolados são essenciais para visualizar e entender questões internas, mas não refletem a realidade em um nível macro de forma assertiva.

O cooperativismo deve ser entendido como importante aliado e muitas vezes até uma ferramenta para que a agroecologia se desenvolva cada vez mais, pois ele unifica pessoas em torno de propósitos em comum, e no caso dos sistemas agroecológicos essa unificação acontece para que as pessoas cooperem em torno de equidade social e econômica; produções de alimentos saudáveis, que respeitem o meio ambiente e valorizem a cultura; a economia local e a qualidade de vida das pessoas.

Em diferentes regiões do mundo existem diversos desafios a serem superados pelos movimentos que reúnem a agroecologia e o cooperativismo. É uma verdadeira missão que deve ser encarada com enorme respeito, tendo sempre participação ativa, engajamento social, político, cultural e, não menos importante, ambiental. E para que haja consonância entre o idealizado no discurso e a realidade factual é necessário investir em incentivos como políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento da agroecologia e que visem o fortalecimento dos grupos inseridos nesses movimentos.

No entanto, estes movimentos são de resistência, e seus participantes devem entender sua importância para que busquem alternativas para viabilizar modelos de produção sustentáveis no aspecto econômico, e que consigam não apenas sobreviver diante das desigualdades sociais impostas pelos modelos convencionais de produção, comercialização, abastecimento e consumo, mas que também consigam se estabelecer no mercado e competir com as grandes organizações. A finalidade é o bem-estar de todos(as) envolvidos(as) e uma relação de harmonia com a natureza e comunidade, além dos ganhos econômicos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que tanto me deu forças para continuar e concluir o curso de Cooperativismo, ao amor e apoio incondicional da minha família, a brilhante

orientação da professora Dra. Bianca A. Lima Costa, a importantíssima co-orientação da mestrandia Camila Olídia e a banca formada pelo Dr. Márcio Gomes e a mestrandia Josiéle Rodrigues.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Lucimar Santiago et al. Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 26, 2012.

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, p. 645-660, 2013.

DOURADO, Nathan Pereira et al. Agricultura familiar, cooperativismo e agroecologia promovendo o desenvolvimento territorial sustentável: O caso da cooperativa dos agricultores familiares de Poço fundo-MG e região. **Geografia**, v. 43, n. 1, p. 119-128, 2018.

ESPELT, Ricard. Agroecology presumption: The role of CSA networks. **Journal of Rural Studies**, v. 79, p. 269-275, 2020.

ESPELT, Ricard et al. Impact of information and communication technologies in agroecologicalcooperativism in Catalonia. **AgriculturalEconomics**, v. 65, n. 2, p. 59-66, 2019.

ESPELT RODRIGO, Ricard; PEÑA-LÓPEZ, Ismael; RODRÍGUEZ, Enrique. ¿Economía alternativa o tecnopolítica? Activismo desde el consumo cooperativo de productos agroecológicos. **CIRIEC-España, revista de economía pública, social y cooperativa**, n. 93, p. 293, 10 set. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.7203/ciriec-e.93.9460>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FERNANDES, Denise Medianeira Mariotti; KARNOPP, Erica. Cooperativismo: evolução histórica e contribuições para os processos organizativos de cooperativas de agricultores familiares praticantes da agroecologia. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 1, p. 133-155, 2017.

FINATTO, R. A.; ZENERATTI, F. L. Trabalho em campo de geografia agrária: produzindo conhecimentos sobre campesinato, cooperativismo e agroecologia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.]**, v. 10, n. 19, p. 548-569, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.689. Disponível em: <<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/689>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2013, 28: 211-228. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/MRR5qdXQ7q6DHZLH3VnMVLN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GALICIA GALLARDO, Ana Paola et al. Resisting socio-ecological vulnerability: agroecology and indigenous cooperativism in La Montaña, Guerrero, Mexico. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 45, n. 1, p. 65-85, 2021.

GOMES, Cecília Siman. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. **Cadernos do Leste**, v. 19, n. 19, 2019.

GRISA, Catia. Mudanças nas políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: novos mediadores para velhos referenciais. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 38, n. 1, p. 36-50, 2018.

GUILLEN, JúliaFloriano; COTI-ZELATI, Paolo Edoardo; DE ARAÚJO, Davi Lucas Arruda. family farming and sustainable development of agribusiness in the metropolitan region of Campinas. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, p. 123-145, 2020.

LUCANTONI, Dario et al. Agroecological conversion for the security and food sovereignty of a family farm. **REVISTA COOPERATIVISMO Y DESARROLLO-CODES**, v. 6, n. 1, p. 61-69, 2018.

MATTEI, Lauro. Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF): concepção, abrangência e limites observados. **Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**, v. 4, p. 1-14, 2001.

MELO,ThainaraGranero de; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Políticas públicas para os assentamentos rurais e cooperativismo: entre o idealizado e as práticas possíveis. **Sociedade e Estado**, v. 33, p. 61-84, 2018.

OCTAVIANO, Carolina. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **ComCiência**, n. 120, p. 0-0, 2010.

Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), História do Cooperativismo. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/historia-do-cooperativismo>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

OSCAR, Carmenate, FERIA, Carlos Pupo, TOSCANO, Javier A. Herrera. Proposal of Actions for the Agro Ecological Reconversion of a Farm in Las Tunas Municipality. **Cooperativismo Y Desarrollo**,v 7.2, p. 264-274, 2019.

PADILHA, A. (s.d.). A emergência da fome: Brasil vive o pior cenário já registrado no século 21. **Rede Brasil Atual**. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2022/06/a-emergencia-da-fome-brasil-vive-pior-cenario-ja-registrado-no-seculo-21/>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PIB-Agro/CEPEA: PIB do agro cresce 8,36% em 2021; participação no PIB brasileiro chega a 27,4%. (s.d.). **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA-Esalq/USP**. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-pib-do-agro-cresce-8-36-em-2021-participacao-no-pib-brasileiro-chega-a-27-4.aspx>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PINHO, D. B. Doutrina Cooperativista e Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Secretaria da Agricultura – **Departamento de Assistência ao Cooperativismo**, 1967.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *einstein* (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>>.

ROBLES, Wilder. The politics of agricultural cooperativism in Brazil: A case study of the landless rural worker movement (MST). **Journal of Co-operative Organization and Management**, v. 7, n. 1, p. 10-25, jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jcom.2019.02.001>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Fernanda Pereira et al. Transição agroecológica em cooperativa de agricultores familiares de Itapuranga, Goiás. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 15, n. 3, p. 309-318, 2020.

SKRZYPCZYŃSKI, Robert et al. Beyond Supporting Access to Land in Socio-Technical Transitions. How Polish Grassroots Initiatives Help Farmers and New Entrants in Transitioning to Sustainable Models of Agriculture. **Land**, v. 10, n. 2, p. 214, 2021.

VALENT, Joice Zagna. As percepções de agricultores familiares sobre transição agroecológica em uma cooperativa agropecuária no Rio Grande do Sul. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 12, n. 2, p. 304-310, 2017.